

AVALIAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO PSICOSSOCIAL OFERECIDA PELA FAMÍLIA E COMUNIDADE ÀS PESSOAS TRANSGÊNERAS DURANTE TODO CICLO DE VIDA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Laura Soares Gandra,¹ Luciana Mattos Barros Oliveira,¹ Ivete Maria Santos,^{1,2} William Azevedo Dunningham^{1,2,3}

RESUMO

Introdução e objetivo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática de literatura avaliando o papel do suporte psicossocial no acolhimento e cuidado dispensados às pessoas transgêneras durante todo ciclo da vida. **Método:** Foi realizado levantamento bibliográfico do período de 2012 a 2022, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Buscou-se no Decs/Mesh (Descritores da Ciência da Saúde) o cruzamento de descritores controlados, “apoio social”, (psychosocial support), “sistema de apoio psicossocial” (psychosocial support system) e “transexualidade” (transsexuality). Inicialmente, foram identificados 740 artigos, sendo 364 artigos da BVS e 376 da PubMed. Após a remoção de duplicatas com auxílio do software Mendeley, restaram 190 artigos. Destes, foram excluídos: 114 artigos após a leitura dos títulos; 53 após a leitura dos resumos por não contemplarem os objetivos desta revisão e 15 artigos foram excluídos quando aplicados os critérios de exclusão. Para análise final, respeitando os critérios de inclusão, selecionamos 08 artigos para apreciação na íntegra. **Resultados:** Como resultado da análise dos artigos selecionados, observou-se que o apoio familiar e psicossocial, incluindo organizações civis, tem grande impacto na redução do sofrimento psíquico, da automutilação e da aceitação da própria imagem. Foi ressaltado que os grupos sociais podem disparar gatilhos por questões negativas vivenciadas como o estigma e o bullying quando estão com seus pares. **Conclusões:** A ausência do suporte psicossocial pode desencadear fenômenos sociais que impactam direta ou indiretamente na saúde em seu sentido amplo da população trans. Devem ser estimulados a escrita e a publicação de materiais acadêmicos que contemplem temáticas voltados às pessoas trans em seus mais variados aspectos de vida, para que políticas públicas possam ser discutidas e criadas, de modo a trazer mais proteção e acolhimento para esse público.

Palavras-chave: Apoio social; Sistema de apoio psicossocial; Transexualidade.

ABSTRACT

Introduction and objective: This work aims to carry out a systematic literature review evaluating the role of psychosocial support in the reception and care given to transgender people throughout their life cycle. **Method:** There were selected manuscripts published between 2012 and 2022 in the Virtual Health Library (VHL) and PubMed databases. It was searched the Decs/Mesh (Health Science Descriptors) for the crossing of controlled descriptors, “social support”, “psychosocial support system” and “transsexuality”. Initially, 740 articles were identified, 364 from VHL and 376 from PubMed. After removing duplicates using Mendeley software, 190 articles remained. Of these, a total of 182 articles were excluded: 114 after reading the titles, 53 after reading the abstracts (for not contemplating the objectives of this review) and 15 when other exclusion criteria were applied. In this way, there was selected 08 articles for analysis. **Results:** Family and psychosocial support, including civil organizations, has a great impact on reducing psychic suffering, self-mutilation and self-image acceptance. We emphasize that social groups can activate triggers of negative issues experienced in the past, such as stigma and bullying, when they are with their peers. **Conclusions:** the absence of psychosocial support can trigger social phenomena that directly or indirectly impact the health of the trans population in its broadest sense. The writing and publication of academic materials that address themes aimed at trans people in their most varied aspects of life should be encouraged, so that public policies can be discussed and created, in order to bring more protection and acceptance to this public.

¹ Faculdade de Medicina da Bahia – FMB – UFBA

² UniFTC – Curso de Medicina – Salvador – BA

³ Doutor em Medicina e Saúde pela UFBA.

Keywords: Social support; Psychosocial support system; Transsexuality.

INTRODUÇÃO

Desde quando nascemos, nos são passados os costumes e padronizações sociais, que de forma cíclica são compartilhados pelos nossos pais e estão presentes nos espaços que ocupamos na sociedade. Segundo Jesus¹ (2012), a construção socialmente aceita sobre gênero e sexualidade está intimamente ligada às relações de poder de grupos hegemônicos. A consequente definição de corpos anormais, que se diferenciavam dos padrões pré-estabelecidos eram demonizados pela igreja e vistos pela ciência como doença¹.

Para Braz et al.², a identidade de gênero pode ser experimentada desde a infância ou em outros momentos da vida. Essa incompatibilidade entre o corpo físico “imagem” e o “psicológico” como deseja ser visto, estimula a busca por mudanças de estereótipos, ressignificando o que foi construído e /ou imposto socialmente para o seu corpo desde o nascimento.

Castro et al.³, pensam que a transgeneridade é um dos modelos de identidade de gênero, caracterizado pela não percepção do gênero atribuído ao nascimento. A insatisfação com a autoimagem gera um desejo constante por mudanças, não só físicas, mas que se vinculam intimamente com questões psíquicas, estéticas e sociais^{2,3}.

Todos esses conflitos, seguem ao longo da vida gerando necessidade constante de adequações sociocomportamentais por medo da não “aceitação” dos grupos sociais predominantes. Essas experiências negativas de violações de direitos, ferem os princípios da dignidade humana, e, estimulam o isolamento intrafamiliar, a evasão escolar, o abandono do lar, do trabalho e de outros grupos sociais, mantendo um ciclo de autonegação^{3,4}.

Nesse contexto contemporâneo, apesar de respaldados por questões ético-legais e contando com serviços públicos/ federais que realizam adequações de caracteres físicos, ávidos, pelo desejo de viver plenamente a sua percepção psíquica de gênero, mas, paralisados por uma sociedade que mantém correntes ideológicas conservadoras, que abominam e excluem outras formas de existência, submergidos em paradigmas religiosos e socioculturais dominantes⁵.

Sobre a rede de apoio familiar, Cardin e Benvenuto⁴, afirmam que esta rede é indispensável para melhoria da qualidade de vida de pessoas transgêneras. E, entretanto, em alguns contextos, esse convívio pode apresentar tantos fatores protetivos quanto, precipitantes de conflitos psicossociais já existentes nesses indivíduos⁵.

Deve-se entender o conceito de rede de apoio social como um conglomerado de sistemas de pessoas, nas quais ligações relacionais são vividas e percebidas pelo indivíduo. O elemento afetivo foi agregado ao conceito de rede de apoio, por se tratar de um reforço positivo para o estabelecimento de vínculos e proteção das pessoas transgêneras nos grupos sociais⁶.

De acordo com a publicação de Silva e Santos⁷, os grupos sociais são de extrema relevância na construção da nossa identidade de gênero. Por conta disso, qualquer transformação pode gerar grandes repercussões nesses grupos dos quais estamos incluídos, impactando diretamente nas relações interpessoais⁷.

Em estudos mais recentes, os autores compreendem que a nossa identidade social, é o nosso existir na coletividade, é a nossa forma de ser no mundo, porque está relacionada com o reconhecimento do indivíduo e o seu pertencimento nos grupos sociais. Juliano e Yunes⁶, dialogam que, enquanto humanos, vivemos infinitas relações que são representadas pelas nossas vivências nos diferentes grupos sociais e nos mais diferentes ambientes que circulamos. A interação do sujeito com esses ambientes oferece a possibilidade de acolhimento e apoio em períodos de crises ou de mudanças que ofereçam a possibilidade de acarretar sofrimento físico, psíquico ou moral^{7,8}.

É importante refletir, que durante o processo de transição, as pessoas transgêneras podem agrupar-se por identificações diversas com determinado grupo e após a conclusão desse processo não se sentem mais pertencentes a estes, desfazendo-se de rótulos, e, firmando-se em outros grupos nos quais a sua identidade de gênero é aceita e respeitada, proporcionando uma rede de apoio que oferece afeto, suporte e proteção^{7,6}.

A construção da nossa identidade social funciona como um grande quebra cabeça que segundo Silva⁸, será composto por experiências positivas e negativas. Dessa forma, manter uma rede de apoio sólida, corrobora a manutenção de um ambiente salubre para as pessoas transgêneras. Enquanto humanos, temos a necessidade de manter uma imagem positiva e socialmente aceita e essa necessidade nos motiva a seguir comportamentos hegemônicos em detrimentos dos quais gostaríamos de viver⁸.

Para Silva et al.⁹, a transgeneridade é analisada como algo muito complexo para ser resumido como aceite e não aceite, ela engloba subjetividades que não se resumem somente ao contexto biológico. Vale lembrar, que comportamentos hostis reproduzidos pela sociedade, refletem uma educação social que despreza e desconhece outras construções de gênero além das heteronormativas⁹.

Por conta desse não reconhecimento, a construção social desses sujeitos fica prejudicada, as redes de apoio são frágeis ou inexistentes e a sua invisibilidade fica pronunciada⁸.

Para que ocorram mudanças nesse modo de pensar, a rede de acolhimento deve ser expandida a toda sociedade e as ações coletivas não devem ser destinadas ao gênero de pertencimento, mas, sim, à pessoa humana. Pensar em corpos que são aprisionados no sexo que lhe foi atribuído ao nascer causa extrema angústia às pessoas transgêneras¹⁰.

Por fim, é entendido, que as modificações corporais proporcionam também a aceitação de si e, conseqüentemente, a reintegração ao seu ambiente familiar e social⁵.

A vida em sociedade requer também o louvor da nossa imagem de pertencer e diferenciar-se do outro, fenômeno que fortalece as redes dos que nestes grupos estão inseridos, contribuindo para autoafirmação e o desenvolvimento de potencialidades humanas⁵.

Temos como objetivo realizar uma revisão sistemática de literatura avaliando a papel do suporte psicossocial no acolhimento e cuidado dispensados às pessoas transgêneras durante todo ciclo da vida

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, baseada no método Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis (PRISMA). Inicialmente, essa pesquisa foi realizada nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, no período de 01 de setembro de 2012 a 31 de agosto de 2022. Buscou-se no Decs/Mesh (Descritores da Ciência da Saúde) o cruzamento de descritores controlados, “apoio social”, (psychosocial support), “sistema de apoio psicossocial” (psychosocial support system) e “transexualidade” (transsexuality).

Abre-se espaço para conceituação de alguns termos importantes que irão nortear essa leitura. Para trabalharmos nessa perspectiva de múltiplas identidades de gêneros alguns conceitos devem ficar bem esclarecidos. De acordo a Cartilha da UNAIDS¹¹, (s/d). a percepção socialmente construída sobre o gênero está amparada por esses três pilares, a saber:

Genótipo (genes e cromossomos sexuais): XX, XY e suas variações (XX ou XY com variações genéticas, XXY, por exemplo); Genitália (caracteres sexuais primários): vulva, vagina, pênis, testículos, sejam típicos ou variações; órgãos reprodutores: sistemas reprodutores testicular e ovariano-uterino. (UNAIDS¹¹).

Destacam-se ainda, a classificação por caracteres secundários ou hormonais que são atribuídas a qualidades visíveis como a presença de mamas desenvolvidas, desenvolvimento da genitália, distribuição de pelos corporais, tom de voz, presença de ciclos menstruais e/ou composto ejaculatório, entre outros. (UNAIDS¹¹).

Acompanhamos outras formas de identidade de gênero. Para Castro et al.³, a transgeneridade é um dos modelos de identidade de gênero, caracterizado pela divergência com o gênero atribuído ao nascer. O termo travesti, por sua vez designa pessoas que nasceram biologicamente como pessoas do sexo masculino, mas que possuem sua identidade de gênero feminina. (UNAIDS¹¹).

A sexualidade é definida pela OMS¹², como “um aspecto central do bem-estar humano, do começo ao fim da vida, envolvendo sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”.

Orientação sexual por sua vez, “é a maneira como a pessoa se identifica em relação às suas tendências e interesses de se relacionar afetiva, sexual, ou romanticamente com outros seres humanos, que podem ser do mesmo ou de gênero diferente” (UNAIDS¹¹).

Sobre a sexualidade humana podemos observar diferentes predileções frente ao desejo afetivo e sexual, entre eles temos:

Homossexual/ homoafetiva/ homorromântica, quando a atração se dá em relação a pessoas do mesmo gênero que o seu; Heterossexual/ heteroafetiva/ heterorromântica, quando a atração ocorre em relação a pessoas de outro gênero; Bissexual/ biafetiva/ birromântica, quando a atração se dá em relação a pessoas de mais de um gênero - e dentro desta concepção estariam representadas as pessoas pansexuais, cuja atração por outras pessoas independe do gênero; Assexual/ arromântica, quando não existe atração sexual e/ou romântica por nenhum gênero. (UNAIDS¹¹).

Estratégia de busca

A busca foi realizada utilizando os seguintes termos padrão ou descritores: transexualidade, (transsexuality); apoio social, (social support); sistema de apoio psicossocial, (psychosocial support system). Como estratégia de busca utilizou-se (transexualidade AND apoio social OR sistema de apoio psicossocial), destacando o uso de descritores booleanos visando ampliar o número de resultados.

Critérios de elegibilidade

Foram considerados como critérios de inclusão: estudos originais publicados em língua portuguesa e inglesa, e, possíveis referências desses artigos, mesmo que não encontrados com a utilização dos descritores escolhidos para a pesquisa nas bases de dados e artigos publicados no período de 01/09/2012 e 31/08/2022.

Como critérios de exclusão: dissertações; teses e artigos de revisão e os que não estiverem disponíveis gratuitamente.

RESULTADOS

Inicialmente, foram identificados 740 artigos, sendo 364 artigos da BVS e 376 da PubMed. Após a remoção de duplicatas com auxílio do software Mendeley, restaram 190 artigos. Destes, foram excluídos: 114 artigos após a leitura dos títulos; 53 após a leitura dos resumos por não contemplarem os objetivos desta revisão e 15 artigos foram excluídos quando aplicados os critérios de exclusão. Para análise final, respeitando os critérios de inclusão, selecionamos 08 artigos para apreciação na íntegra. Em relação aos aspectos éticos, como o presente trabalho trata de uma revisão sistemática de literatura de artigos de domínio público, é dispensada a obrigatoriedade de passar pela apreciação e a provação do Comitê de Ética de Pesquisa- CEP.

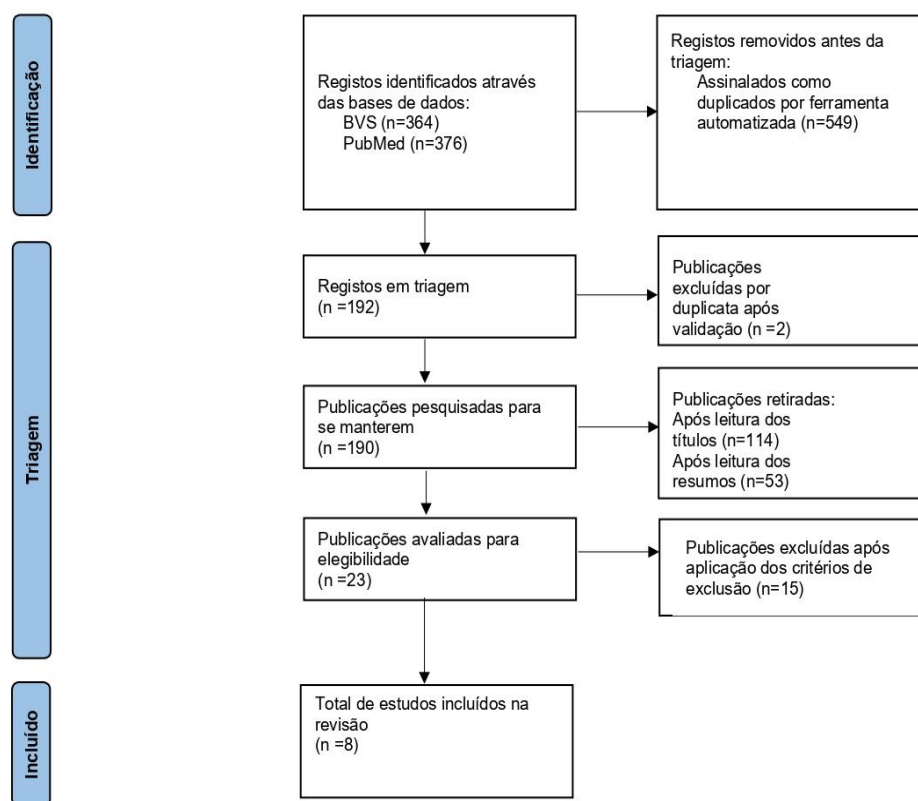


Figura 1 - Fluxograma do Processo de Busca e Seleção dos Artigos

Dos artigos triados para compor a amostra final, 08 artigos foram eleitos para composição deste estudo. Das publicações selecionadas, 02 são originários do Brasil, 04 dos Estados Unidos e 02 do Canadá. Quanto ao ano de publicação dos artigos, foi percebida uma variação compreendendo os anos de: 2013, 2015, 2016, 2018 e 2020.

Verificou-se ainda, que em se tratando da abordagem metodológica utilizadas pelos artigos desta revisão, o primeiro artigo¹² utilizou-se como meio de verificação sete questionários que serviram para avaliar diferentes aspectos da relação trans x automutilação não suicida.

O segundo artigo¹³ é composto por uma amostra nacional de comunidade e dois grupos controles, o primeiro grupo incluiu 49 crianças, sendo estes os irmãos das crianças alvo desse estudo (transgêneras) e o segundo grupo formado por 73 crianças sem parentesco e que se identificam com o sexo de nascimento.

O terceiro artigo¹⁴ utilizou o método descritivo explicativo de corte transversal e caráter analítico quantitativo, possuindo abordagem *online* (*Survey*).

O quarto artigo¹⁵ teve como processo metodológico pesquisa participativa de base comunitária utilizando entrevistas semiestruturadas presenciais (n=20) e online (n=60)

totalizando 80 participantes.

Um dos artigos¹⁶ selecionados refere-se a um estudo descritivo com abordagem qualitativa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas a um grupo focal (GF) com crianças e adolescentes entre 8 e 18 anos de idade. Os participantes se dividiram em três GF, o primeiro grupo com dez crianças e outros dois grupos com doze e dez participantes respectivamente, totalizando 32 participantes. Este público é atendido pelo ambulatório transdisciplinar de identidade de gênero e orientação sexual (AMTIGOS), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo- USP.

Um outro artigo¹⁷ dentre os selecionados utilizou-se de entrevistas online, com um total de 133 pessoas canadenses autodeclaradas trans, com a finalidade de identificar se fatores protetivos como a família, amigos, o otimismo e o suporte social contribuíram para a redução de tentativas de suicídio entre pessoas transgêneras.

O sétimo artigo¹⁸ utilizou como abordagem metodológica um estudo por amostragem transversal Teen Health and Technology (THT) coletados por meio de um questionário online entre indivíduos adultos autodeclarados trans que trabalhavam e residiam no Canadá. Foram 5.907 entrevistados no período de agosto de 2010 e janeiro de 2011.

No último artigo¹⁹ utilizado, os dados foram coletados por meio de amostragem orientada pelo respondente (RDS), como parte do projeto Trans PULSE, um estudo de pesquisa baseado na comunidade de Ontário, Canadá. Os participantes deveriam residir, trabalhar ou receber os cuidados de saúde em Ontário. Participaram da pesquisa 433 pessoas com múltiplas identidades de gênero incluindo pessoas transgêneras, com idade superior a 16 anos de idade, no espaço entre 2009/ 2010.

O quadro 01, irá expor os oito artigos incluídos neste artigo de revisão sistemática de literatura, caracterizando-os por primeiro autor, população de estudo, ano, país de publicação, desenho do estudo e conclusão.

Quadro 1 - Síntese de revisão sistemática sobre a importância do suporte psicossocial

Autores	População de estudo	Ano	País	Desenho de estudo	Conclusões
Claes et al ¹³	155 pessoas não tratadas com o diagnóstico de transexualismo	2015	Estados Unidos	Abordagem quantitativa de corte transversal	Os altos níveis de comportamento de automutilação não suicida em associação com dificuldades interpessoais e falta de suporte social precisam ser levados em consideração ao avaliar pessoas trans.
Olson et al ¹⁴	73 crianças trans, e dois grupos controle, um com 73 crianças (não trans) e o segundo composto por 49 irmãos consanguíneos das crianças trans estudadas	2016	Estados Unidos	Estudo observacional do tipo caso-controle	Verificou-se baixas taxas de adoecimento psíquico em crianças trans que são apoiadas em sua identidade de gênero, os resultados fornecem evidências de que crianças trans tiveram níveis de ansiedade levemente aumentada e depressão com taxas compatíveis com o dos grupos controles.
Silva et al ¹⁵	203 crianças brasileiras	2018	Brasil	Descritivo explicativo de corte transversal e caráter analítico quantitativo, com abordagem Survey.	O apoio social é importante para as pessoas trans na medida que pode atenuar o estresse psicológico causado pela estigmatização. A filiação com comunidades LGBTQ+ pode estabelecer um ambiente livre de estigmas.
Bowling et al ¹⁶	80 indivíduos trans moradores de Charlotte, Carolina do Norte	2020	Estados Unidos	Estudo de métodos mistos, de abordagem qualitativa e quantitativa.	Estar inserido em comunidades trans pode estar associado a resultados positivos e, entretanto, não se pode excluir efeitos negativos para eles
Nascimento et al ¹⁷	32 participantes 12 crianças e 20 adolescentes pertencente ao ambulatório Transdisciplinar de Gênero e Orientação Sexual (USP)	2020	Brasil	Estudo descritivo com abordagem qualitativa	Os resultados indicam que a vida das crianças e adolescentes transgêneros é impactada por fatores sociais, físicos e mentais em relação ao estigma e discriminação socioculturalmente vivenciadas. O núcleo familiar, foi identificado como o principal meio de suporte social das crianças e adolescentes transgêneros. Majoritariamente a vivência de preconceito e discriminação foram atribuídos associados a qualidade de vida
Moody et al ¹⁸	133 pessoas adultas trans canadenses	2013	Canadá	Regressão múltipla hierarquizada	Os resultados apontam que os adultos trans recebem maior apoio dos amigos que da família e que as condições de apoio social, familiar e o otimismo são fatores protetivos contra a prática do suicídio. A família seria dentre essas três condições a que oferece maior fator protetivo.
Ybarra et al ¹⁹	5. 597 adolescentes norte americanos	2014	Estados Unidos	Estudo transversal Teen Health and Technology (THT)	Os jovens que se LGBT que participaram da pesquisa, declaram que ter amigos online é uma fonte importante de apoio, porém o apoio social presencial parece ser mais protetor contra a vitimização em relação ao online.
Bauer et al ²⁰	433 pessoas residentes de Ontário	2015	Canadá	Amostragem orientado pelo respondente (RDS)	Intervenções que aumentem a inclusão social e o acesso a transição médica e para reduzir a transfobia, refletindo na prevalência extremamente alta de ideação suicida e tentativas da população trans.

DISCUSSÃO

Abordaremos alguns pontos fundamentais para entender se as diferentes redes de apoio familiar e social às pessoas transgêneras são positivas ou não no fortalecimento da saúde física e mental e nas relações interpessoais desses indivíduos.

O apoio psicossocial na redução de práticas de automutilação

Entendemos como automutilação não suicida, “a lesão direta ou intencional do próprio tecido corporal sem intenção suicida, como cortar, queimar e bater em si mesmo”¹³.

O artigo¹³ concluiu que os homens trans são as maiores vítimas de automutilação 57,7% em comparação com as mulheres trans, que perfazem um total de 26,2%. Ainda entre as pessoas trans, as que referiram as práticas de automutilação sentem-se menos apoiadas e indicam maiores demandas psicológicas e interpessoais em relação ao grupo que recebem suporte social.

Enquanto a percepção do apoio, os homens trans reconhecem-no maior suporte, tanto de sua família, quanto de outras pessoas de estima pessoal. Isso reflete na descoberta que indivíduos que se automutilam têm menos apoio psicossocial em relação ao grupo que não mantem essas práticas.

Segundo os autores as questões sociais relativas a estigmatização, refletem a dificuldade de apoio encontradas por mulheres trans, dando a essas título de maior susceptibilidade de adoecimento psíquico, como a ansiedade, depressão entre outros, que podem ser amenizadas pelo apoio social. Apesar de maiores demandas de cunho emocional e menos apoio sociofamiliar, mulheres trans tem um percentual menor de automutilações em relação aos homens trans.

É importante frisar, que os autores trazem como limitações as escassas publicações sobre a temática de automutilações não suicidas em pessoas transgêneras e a influência do apoio psicossocial na redução desses danos.

O apoio psicossocial na saúde mental de crianças em transição social

Na leitura do artigo¹⁴ podemos notar diferenças entre sintomas de depressão e ansiedade. Enquanto as taxas de depressão demonstravam-se elevadas, observamos que em relação aos sintomas ansiosos houve um discreto aumento, apesar de não ultrapassar as margens clínicas e subclínicas.

Observou-se que crianças transgêneras que estão no processo de transição social, quando devidamente apoiadas por sua família, têm níveis normais de sintomas internalizantes. A saber, crianças transgêneras em transição social que tinham o diagnóstico de disforia de gênero, obtiveram taxas menores dos baixos indicadores de sintomas internalizantes em relação às com o mesmo diagnóstico, mas que não passaram pela transição social.

As limitações deste artigo, refletem a escassez de estudos que falem sobre a saúde mental de crianças em transição social.

O apoio psicossocial na autoestima de travestis adultos, trans e não binárias

Os participantes do estudo ¹⁵ tinham idade superior a 27 anos. Pessoas com 35 anos demonstraram significativa pontuação em relação aos mais jovens no quesito autoestima, porém não houve diferenças significativas à identidade social, apoio familiar e suporte social.

Diferenças relevantes foram observadas no quesito de suporte social entre homens trans ou aqueles que se identificaram com o gênero masculino, obtendo maior *score* em relação aos que não souberam identificar o seu gênero.

Em relação ao estado civil, foram observadas diferenças significativas nos índices de apoio familiar. Os indivíduos casados tiveram maior apoio familiar. Quando se avalia o apoio familiar em indivíduos que realizaram cirurgias de redesignação genital ou de afirmação de gênero, estes tiveram maior suporte familiar em relação aos que não fizeram modificações cirúrgicas corporais.

Esse estudo revelou que pessoas pouco ou nada identificadas com grupos de pares, têm escores menores em relação às pessoas identificadas ou muito identificadas com seu grupo de pertença, dando a esses maiores médias na escala de suporte social. Além disso, foi encontrada uma correlação positiva para o índice de suporte social. Sobre o índice de autoestima, verificou-se relações positivas com o apoio familiar e entre idade e relação familiar.

As sugestões para novos artigos estão voltadas a estudar e discutir outros campos da vida humana como espiritualidade, escolaridade, labor e outros, devido à mínima ocupação das pessoas trans, travestis e não binárias nesses espaços sociais. Não foi evidenciado nenhuma limitação desse estudo.

A importância do vínculo em relações comunitárias

Muitos participantes desse estudo¹⁶ concordam que há efeitos benéficos no fato de pertencerem a uma comunidade de pessoas trans, descrevendo essa conexão como criadora de um ambiente que os fazem se sentir melhores, reforçando positivamente a sua saúde mental.

A conexão com comunidades trans, reforça as relações de apoio social e seus benefícios, como o respeito e entendimento de outras identidades de gênero que não somente a heteronormativa. Permite que reconheçam semelhanças entre si e que acreditem que, na organização comunitária, terão sempre alguém que possa apoiá-los.

As construções de redes de apoio são muito mais sólidas validando e normalizando as experiências dos participantes que estão inseridos em grupos de pares. Essas comunidades, além de grupos com encontros físicos, também promovem encontros virtuais que disponibilizam orientações úteis para esse público, como aconselhamentos hormonais e outras informações que beneficiam as suas identidades de gênero.

Entre os participantes a temática liberdade de expressão também foi suscitada, como a possibilidade de falar de forma livre e sem julgamentos, assim como a possibilidade de viverem abertamente as suas identidades e aparências.

Segundo os entrevistados, as comunidades trans também oferecem segurança, reduzem os riscos, sendo vistas positivamente como um fator protetivo para a saúde física e mental.

É importante salientar, que as comunidades trans também podem oferecer proteção para alguns fatores estressantes, como é o caso do esgotamento da interação social. Ouvir relatos de outras pessoas trans, como problemas de convívio social entre eles é bem comum. A estigmatização social e o abandono familiar podem deflagrar gatilhos e esses gatilhos despertam um desgaste emocional.

Outro efeito categorizado como ruim nas comunidades trans é em relação ao estigma social que os discrimina quando estão em grupos em locais públicos, porquanto sofrem mais assédio das outras pessoas do que quando estão sozinhas.

A solidão também foi um dos temas abordados. A não conectividade com comunidades trans os faz sentir sozinhos e a possibilidade da desconexão dos grupos ou das comunidades os faz se isolarem do restante da sociedade. As pessoas entrevistadas também relatam se sentirem mais confortáveis e à vontade junto com os seus pares. Alguns relataram que voltam a se “esconder”, ou seja, não expressam em sua integralidade as suas identidades

de gênero quando estão fora dos grupos e das comunidades trans, e isso foi descrito como prejudicial para a sua saúde.

Quando estão desconectados dessas comunidades, eles referem dificuldades de prover recursos, sejam eles, financeiros e ou intelectuais. Essa desconexão inclui perder o contato com seus pares e os diálogos que estes estabelecem, para os entrevistados. É fundamental estar perto do outro, estar perto dos seus pares.

Como limitações desse estudo, podemos salientar que os resultados podem refletir a realidade apenas de pessoas trans ligadas a grupos trans, já que a maioria dos participantes estavam intimamente ligados à instituição parceira. As entrevistas foram realizadas dentro da instituição parceira, aqueles que de alguma forma se sentiram desconfortáveis podem ter mascarado as suas experiências pessoais, os indivíduos que possuem uma menor ligação com a instituição podem não vivenciar as mesmas experiências positivas dos que realmente estão conectados.

Atributos associados a qualidade de vida

O artigo ¹⁷ dialoga sobre o primeiro grupo social. De acordo com as crianças com média de idade de 9,9 anos a figura materna é retratada como a principal pessoa da família. A figura masculina/ paterna é citada como presente ou ausente, sendo este quem tem com maior resistência da aceitação da identidade de gênero do seu filho (a).

Em relação a satisfação com a vida, não foram observados fatores negativos. As atividades de brincar/ lazer não trazem aspectos de exclusão.

Sobre a inclusão/ exclusão social, não há consenso. Observam-se como diferentes ou não das demais crianças. Entretanto, o respeito dos familiares e dos amigos mostra-se de extrema importância para manutenção da saúde mental.

Ter sua identidade de gênero reconhecida assim como o seu nome social respeitado socialmente, lhe trazem boas perspectivas e preservação do bem-estar psíquico. A escola, foi relatada como ambiente negativo em decorrência do estigma e da exclusão fazendo-as negar as suas transidentidades.

Para os adolescentes, a figura materna oferece maior representatividade e apoio/ suporte devido às violências enfrentadas, entre elas a estigmatização e o não reconhecimento social com o gênero ao qual se identificam.

Em relação à escola os professores têm um importante papel no reconhecimento de suas identidades. Entretanto, algumas escolas ainda agem de forma arbitrária, negligenciando

a sua autoidentificação por exemplo, ou ainda, a proibição do uso dos banheiros aos quais se identificam quanto ao gênero. Esta proibição tem impactado negativamente na saúde dos estudantes trans, com aumento do número de casos de infecções urinárias por passarem muitas horas sem poder utilizar o banheiro quando fora de casa.

Enquanto questionados sobre o “ser transexual” observa-se um forte desejo por mudanças corporais através da utilização de hormônios e cirurgias, incluindo a redesignação sexual. Para eles o fato de serem reconhecidos por seus pares melhora a qualidade de vida. A curiosidade das pessoas sobre intimidades os faz sentir-se estranhos ou anormais em comparação as pessoas do mesmo sexo não trans. A felicidade para eles se evidencia ao poderem se expressar livremente da forma como se veem.

Apoio social como medida protetiva contra o suicídio

Observou-se no artigo ¹⁸ que os fatores que teoricamente são protetivos podem de alguma forma atuarem negativamente (fatores protetores internos, estabilidade emocional, e fatores protetores externos). A idade abaixo de 25 anos seria um fator de risco para o suicídio e não foram encontradas diferenças significativas entre ser homem trans ou mulher trans em relação ao comportamento suicida.

As variações que foram observadas referem-se a fatores agregados como protetivos em relação a idade, a saber otimismo, apoio social da família e amigos. O apoio da família mostra-se tanto positivo quanto negativo em relação ao comportamento suicida e possíveis tentativas. O apoio social relacionado aos amigos não demonstra significativa relevância no comportamento suicida, entretanto, nota-se que os amigos oferecem mais suporte que a família.

A importância das redes virtuais para jovens LGBT

O artigo ¹⁹ trabalhou com jovens com faixa etária em média de 15,8 anos de idade com identidade de gênero diversa e em relação a etnia também se observou grande variedade, sendo 74% autodeclarados brancos; 9% declararam-se negros ou afro-americanos; 9% como mestiços e 8% como de outras etnias (asiáticos, nativos americanos, outros). A identificação como o sexo dado ao nascimento corresponde a 50% (para mulheres); 41% para os (homens) e 9% para indivíduos autodeclarados como transgêneros e ou outras identidades de gênero.

Um quarto dos participantes referiram ter no mínimo um amigo próximo que conheceram na internet. Jovens cisgêneros tem menos amigos virtuais em relação ao grupo LGBT. Entretanto a quantidade de amigos próximos não tinha importante diferença entre eles.

O relato de apoio entre amigos virtuais é mais frequente no grupo LGBT, e, desses amigos que posteriormente se encontraram fisicamente não diferem entre os dois grupos. O grupo composto por jovens LGBT indicam que seus amigos online oferecem mais suporte que os amigos físicos. Não foram observadas significativas diferenças entre os amigos virtuais e pessoais por identidade de gênero.

Ambos os grupos relatam pouca preocupação em relação a segurança da comunicação virtual. Já no ambiente escolar, jovens LGBT expressam maior receio quanto a questões de insegurança e violência.

O *bullying* e o assédio sexual, afetam mais frequentemente jovens LGBT no ambiente físico, que no ambiente virtual, reforçando que as questões de identidade de gênero e orientação sexual são gatilhos para a ocorrência deles.

Fatores que contribuem para a redução do risco de suicídio entre pessoas transgêneras

O estudo trabalhado no artigo²⁰ demonstra fortemente quão importante é o apoio da família na redução do risco referente à ideação suicida entre indivíduos trans. Isso quer dizer que 170 vidas para 1.000 pessoas trans são resguardadas da tentativa de suicídio propriamente dita, na qualidade de redução de risco. Em relação à escola, observou-se risco aumentado para aqueles com apoio de seus membros como diretores e professores, não se explica a razão.

Ter a documentação civil compatível com a identidade de gênero é um fator considerado protetivo contra a ideação suicida e as tentativas propriamente ditas, com o potencial de reduzir 90 casos de ideação suicida/ 1.000 pessoas trans. Ter ou não religião não tem interferência nesse estudo nas taxas de suicídio.

A transfobia é um fenômeno que aumenta consideravelmente a ideação e as tentativas de suicídio entre o público estudado. Um ambiente livre de transfobia reduz cerca de 66% a ideação e em 76% as tentativas de suicídio. Isso previne em 160/ 1.000 casos de ideação e 200/1.000 casos de tentativas.

Em relação a transição médica, aqueles em uso de terapia hormonal tem metade da probabilidade de considerarem o suicídio. Para aqueles com ideação suicida estar no processo de transição se associa ao risco aumentado de suicídio em comparação aos que se preparavam

para iniciar a transição. Concluir a transição médica tem efeito protetivo, a redução de risco relativo em 62% na ideação.

A transição completa corresponde à redução de 170 casos de ideação suicida ano a cada 1.000 casos dessa forma, são 240 casos de tentativas de suicídio prevenidas.

RECOMENDAÇÕES

A partir dos resultados dessa revisão, recomenda-se uma maior atenção à saúde biopsicossocial e espiritual da comunidade trans, melhorando as políticas públicas já existentes e criação de novas políticas que abarquem as demandas deste público. Investir em educação continuada para profissionais de saúde, contribuindo para um melhor acolhimento e tratamento das demandas trazidas por eles quando buscarem os serviços de saúde. Deve-se estreitar os laços familiares e comunitários assim como com os equipamentos públicos locais a fim de estabelecer parcerias e uma rede de apoio mais sólida, para favorecer o bem-estar e a manutenção da saúde integral desta população específica, melhorando a qualidade de vida e reduzindo os impactos negativos de uma sociedade excludente e transfóbica, o que refletirá positivamente na expectativa de vida, redução de homicídios, suicídios e autolesões, adoecimento mental e reflexos na saúde física.

LIMITAÇÕES

Este estudo apresenta limitações, pela escassez de artigos publicados que abrangessem essa temática do suporte psicossocial de indivíduos trans. É certo que a população trans tem ganhado um pouco mais de visibilidade, através da mídia, das políticas públicas, da ocupação mesmo que ainda tímida dos diversos espaços sociais e das leis de proteção ao público LGBTQIAPN+, porém estamos longe do ideal. Os profissionais das diversas áreas da saúde também têm demonstrado um certo interesse por este público que adentra o sistema de saúde, de modo, que novas publicações devem estar a caminho para enriquecer discussões futuras.

CONCLUSÕES

A ausência do suporte psicossocial pode desencadear fenômenos sociais que impactam direta ou indiretamente na saúde no sentido ampliado da população trans. A escrita acadêmica e as publicações que contemplem temáticas voltados às pessoas trans em seus mais variados aspectos de vida, sejam essas voltadas para as políticas públicas possam ser amplamente discutidas e criadas, de modo a trazer mais proteção e acolhimento para esse público.

REFERÊNCIAS

1. Jesus J G de: Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. [publicação da web]; 2012 acesso em 28 de setembro de 2021. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989
2. Braz D G de C, Reis M B, Horta A L de M, Fernandes H: Vivências familiares no processo de transição de gênero. [publicação da web]; 2020 acessado em 05 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ape/a/czHnsGb3ghN9XgsdQsxVCvR/abstract/?lang=pt>
3. Castro A L P de; Neto G R de M; Oliveira M A B de: A relação das mães com seus filhos e suas filhas adolescentes transgêneros/as. [publicação da web]; 2018 acesso em 03 de outubro de 2021. Disponível em <https://tcc.fps.edu.br/bitstream/fpsrepo/384/1/A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20das%20m%C3%A3es%20com%20seus%20filhos.pdf>
4. Cardin V S G, Benvenuto F M: Do bullying ao transexual no seio familiar como violência velada: uma afronta à dignidade da pessoa humana. [publicação da web]; acesso em 03 de outubro de 2021. Disponível em <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=90b8e8eca9075690>
5. Soares M, Feijó M R, Valério N I, Santos C L dos, Siquieri M, Pinto M J C: O apoio da rede social a transexuais femininas. [publicação da web] 2011 acessado em 07 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/paideia/a/kLpzsfbHz5Y6DhShh3BWMvB/?lang=pt&format=pdf>
6. Juliano M C C, Yunes M A M: Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. [publicação da web] 2014 acessado em 04 de outubro de 2021. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272090966_Reflexoes_sobre_rede_de_apoio_social_como_mecanismo_de_protecao_e_promocao_de_resiliencia
7. Silva B de B, Santos E C: Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. [publicação da web]; 2014 acesso em 03 de outubro de 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200004
8. Silva B de B: Identidade social e autoestima de travestis, homens e mulheres trans e transgêneros: a influência do apoio social. [publicação da web]; 2016 acessado 05 de outubro de 2021. Disponível em <https://btdt.ibict.br/vufind/Record/UFS-ba59e8c043b19859f519a156bc635d0d>
9. Silva F V da, Pereira I L, Cezário P F O, Gomes A L C et al: O cotidiano de pais e mães de pessoas transexuais em um Estado do Nordeste do Brasil. [publicação da web]; 2021 acessado em 06 de outubro de 2021. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16824>

10. Silva B de B, Santos E C: Apoio social na autoestima e identidade social de pessoas trans brasileiras. [publicação da web]; 2018 acessado em 04 de outubro de 2021. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucls.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/30029>
11. UNAIDS. Vamos falar sobre a saúde integral das travestis e mulheres trans? [publicado na web]; acesso em 15 de novembro de 2021. Disponível em https://unaid.org.br/wpcontent/uploads/2022/01/2021_UNAIDS_SaudeIntegral.pdf
12. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Saúde sexual, direitos humanos e a lei [publicado na web] 2020 acesso 12 de setembro de 2022. Disponível em <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>
13. Claes L, Bouman P W, Witcomb G, Thurston M, Aranda F F, Arcelus JI: Autolesão não suicida em pessoas trans: Associação com sintomas psicológicos, vitimização, funcionamento interpessoal e suporte percebido. [publicado na web]; 2015 acessado em 27 de março de 2022. Disponível em [https://www.jsm.jsexmed.org/article/S1743-6095\(15\)30905-X/fulltext](https://www.jsm.jsexmed.org/article/S1743-6095(15)30905-X/fulltext)
14. Olson R K, Durwood L, DeMeules M, McLaughlin K A: Saúde mental de crianças transgênero que são apoiadas em suas identidades: [publicado na web]; 2016 acessado 27 de março de 2022. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4771131/>
15. Silva B B, Santos C E: Apoio social na autoestima e identidade social de pessoas trans brasileiras: [publicado] na web; 2018 acessado em 27 de março de 2022. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucls.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/30029>
16. Bowling J, Baker J, Gunn L H, Lace T R: “Parece certo” percepção dos efeitos da conexão comunitária entre indivíduos trans: [publicado na web]; 2020 acessado em 27 de março de 2022. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7535036/>
17. Nascimento K F, Reis A R, Saadeh A, Demétrio F, Rodrigues A L I, Galera F A S, Santos B C: Crianças e adolescentes transgêneros brasileiros: Atributos associados a qualidade de vida: [publicado na web]; 2020 acessado em 13 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/pvdvkBMdT3yYGrmcMZ3VGfS/?lang=pt>
18. Moody C, Smith G N: Fatores de proteção ao suicídio entre adultos trans: [publicado na web]; 2013 de novembro de 2021. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23613139/#:~:text=It%20was%20hypothesized%20that%20social,individuals%2C%20also%20protect%20trans%20individuals>
19. Ybarra L M, Mitchell J K, Palmer M N, Reisner L S: Apoio social online como um amortecedor contra pares online e offline e vitimização sexual entre jovens LGBT e não LGBT dos EUA: [publicado na web]; 2014 acessado em 13 de novembro 2021. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25192961/>
20. Bauer R G, Scheim I A, Pyne J, Travers R, Hammond R: Fatores intervenientes associados ao risco de suicídio em pessoas transgênero: Um estudo de amostragem conduzido por respondentes em Ontário, Canadá: [publicado na web] 2015 acessado em 13 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4450977/>